

## **2020 A 2024 COMO SE DÁ A REPRESENTAÇÃO DA MULHER NEGRA UNIVERSITÁRIA NAS REDES SOCIAIS DA UFPEL: UMA BREVE REFLEXÃO**

WELEN MENDES ALMEIDA<sup>1</sup>;  
PROF<sup>a</sup>. JANAIZE BATALHA NEVES<sup>2</sup>;

<sup>1</sup>UFPel – wellen.mendes.15@gmail.com

<sup>2</sup>UFPel – janabatalhaneves77@gmail.com

### **1. INTRODUÇÃO**

Entre 2020 e 2024, as redes sociais se tornaram espaços importantes para visibilidade e representação, especialmente no meio acadêmico. Na Universidade Federal de Pelotas (UFPEL), a representação da mulher negra universitária tem ganhado destaque nas mídias digitais, acompanhando o movimento por equidade racial e de gênero. No entanto, é essencial questionar como essas representações são construídas, mantidas ou, muitas vezes, invisibilizadas no contexto institucional.

Dialogando com a intelectual Patricia Hill Collins, uma autora negra estadunidense, em seu livro *Pensamento Feminista Negro: Conhecimento, Consciência e a Política do Empoderamento* (2019), nos provoca a pensar que ainda nos dias atuais a imagem da mulher negra está atrelada a imagens de sulbaternização, subserviência e hipersexualização. De acordo com a autora essas imagens, onde a própria Collins define como “imagens de controle” presentes servem para naturalizar o racismo, o sexismo e as injustiças sociais.

Este trabalho faz parte do projeto de extensão **Aqualtune Nibi**, do qual sou bolsista. Iniciado em 2023, o projeto busca criar um espaço de diálogo para mulheres negras da UFPEL, pessoas essas interessadas em discutir questões raciais, interseccionalidades e o pensamento decolonial, rompendo com a lógica de um único saber dominante. Eu enquanto mulher negra me faço pesquisadora, na mesma perspectiva que sou pesquisada, A autora brasileira Lélia Gonzalez em *Racismo e sexismo na cultura brasileira* (1984), nos aponta os diversos atravessamentos que perpassam o corpo da mulher negra, interseções entre gênero, classe e raça, onde questiona a sociedade nos coloca no lugar onde não somos sujeitos das nossas próprias histórias.

Assim, o presente trabalho tem como objetivo refletir sobre a representação da mulher negra universitária nas redes sociais da UFPEL entre 2020 e 2024. A pesquisa busca investigar como a instituição aborda a diversidade e a inclusão por meio de suas postagens oficiais, à luz do impacto das políticas afirmativas e do fortalecimento de coletivos estudantis.

### **2. METODOLOGIA**

Este projeto de pesquisa é uma proposta investigativa a desenvolver-se na Universidade Federal de Pelotas (UFPel), através da *Escrevivência* (EVARISTO, 2005) e descritiva (GIL, 2002), utilizando análise de conteúdo para examinar como a mulher negra universitária tem sido representada nas postagens oficiais da UFPEL. Foram analisadas as publicações do Instagram da universidade no período de janeiro de 2020 a setembro de 2024, focando em imagens que retratam ou mencionam mulheres negras, sejam elas estudantes, professoras ou figuras institucionais de relevância.

A partir de uma perspectiva teórico-metodológica-política, é possível entender que estamos em constante processo de construção e de (re)construção, (re)interpretando nossas histórias. Sendo assim, a pesquisa narrativa, neste caso

a partir do conceito de escrevivências, se torna uma opção muito potente, no que se refere à pesquisa através das experiências.

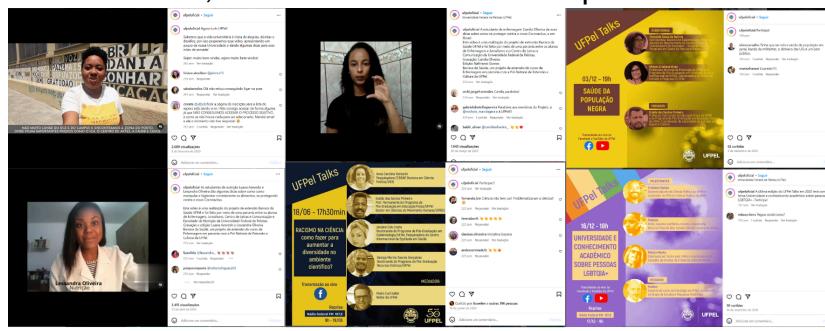
Conceição Evaristo (2005) fundamenta a *Escrevivência* como uma escrita feminina e negra na produção da sua escrita. Ela se direciona na contramão do que a sociedade espera de um corpo negro e emerge a partir da "fala e um corpo que não é apenas descrito, mas antes de tudo vivido" (EVARISTO, 2005, p. 06).

Além das imagens, também foram analisadas as legendas e interações que destacavam a presença de mulheres negras no ambiente acadêmico, buscando compreender a narrativa construída em torno dessas figuras nas mídias sociais da UFPEL.

Desde sua criação em 2016, o Instagram oficial da UFPEL passou por diferentes momentos de atividade. Em 2017, não houve publicações, e em 2018 e 2019 o perfil registrou 17 e 34 postagens, respectivamente. A partir da pandemia, em 2020, o perfil experimentou um crescimento contínuo, e entre os anos de 2020 e 2024, superou mil publicações, acumulando mais de 52 mil seguidores, tornando-se uma das principais plataformas de comunicação da instituição.

### 3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Das mais de mil publicações no Instagram oficial da UFPEL, foram analisadas cerca de 127 postagens entre os anos de 2020 e setembro de 2024, visando discutir e problematizar a representação da mulher negra universitária, em 2020, ano marcado pela pandemia, a presença de mulheres negras na página institucional foi observada em quatro vídeos. Um deles, de boas-vindas, apresentava estudantes introduzindo a universidade, enquanto os outros três traziam alunas negras oferecendo dicas sobre a prevenção contra a COVID-19. Além disso, houve três transmissões ao vivo com as temáticas "Racismo na ciência: como aumentar a diversidade no âmbito científico", "Saúde da população negra" e "Universidade e conhecimento acadêmico sobre pessoas LGBTQIA+" (Ver figura 1 e disponível no link [bit.ly/cic-figuras](https://bit.ly/cic-figuras)). Nessas lives, a participação de mulheres negras acadêmicas foi destacada. No entanto, algumas dessas postagens atraíram comentários de teor racista, como "ciência não tem cor! Problematizaram a ciência!!" e "Tinha que ser sobre a saúde da população em geral, bando de militantes, o dinheiro da UFs é bem público".



**Figura 1:** Compilado de publicações de 2020.

Fonte: Instagram UFPEL

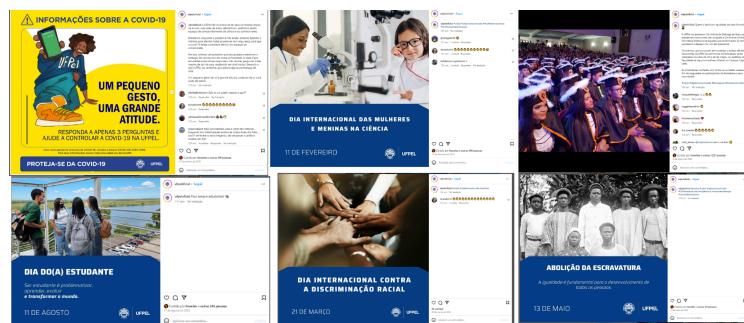
Já em 2021, foram identificadas cerca de 35 publicações envolvendo mulheres negras em diferentes contextos, muitas delas relacionadas a datas comemorativas e à série de posts "TBT", que resgatava memórias da universidade, ainda em funcionamento remoto. Destaca-se o mês de novembro, quando cinco postagens abordaram a temática racial, em consonância com o mês da Consciência Negra. Uma dessas publicações(Ver figura 2 e disponível no link

<bit.ly/cic-figuras>) trazia professores, alunos e servidores negros fazendo o gesto do punho cerrado em sinal de resistência, considerada emblemática pela própria legenda. Novamente, comentários de cunho racista surgiram, como “Besteira..... politicagem pura. Alias só que sabem fazer!!”.



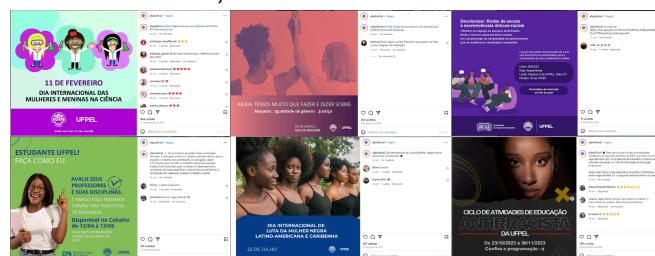
**Figura 2:** Compilado de publicações de 2021.  
Fonte: Instagram UFPEL

Em 2022, não foram registrados comentários racistas nas publicações analisadas. Quanto à representatividade, as imagens(Ver figura 5 disponível no link <bit.ly/cic-figuras>) desse ano deram maior destaque às universitárias negras, incluindo ilustrações que ressaltavam sua presença de maneira significativa.



**Figura 3:** Compilado de publicações de 2022.  
Fonte: Instagram UFPEL

Em 2023, as publicações(Ver figura 5 disponível no link <bit.ly/cic-figuras>)apresentaram uma imagem positiva da mulher negra universitária, retratando-a com respeito e diversidade. Contudo, iniciativas como essas ainda são insuficientes para combater o racismo estrutural. Isso ficou claro em uma postagem sobre educação antirracista, onde um comentário desviou o foco com a mensagem: “Nestes tempos precisamos combater o preconceito aos judeus. Nazismo é inconcebível”, tentando invalidar a discussão racial.



**Figura 4:** Compilado de publicações de 2023.  
Fonte: Instagram UFPEL

Entre janeiro e setembro de 2024, as publicações (Ver figura 5 disponível no link [bit.ly/cic-figuras](https://bit.ly/cic-figuras)) continuaram a reforçar uma representação positiva da mulher negra universitária, sem registros de comentários racistas, o que demonstra uma evolução no engajamento da comunidade acadêmica e nos cuidados com a moderação de conteúdo.



**Figura 5:** Compilado de publicações de 2023.

Fonte: Instagram UFPEL

#### 4. CONCLUSÕES

A análise das postagens no Instagram da UFPEL entre 2020 e 2024 revela progressos na representação da mulher negra universitária, mas também aponta desafios. Há um aumento da visibilidade em momentos pontuais, porém a falta de uma presença constante nas comunicações institucionais ainda reflete um desequilíbrio. Como bell hooks (2020) afirma, em *E eu não sou uma mulher?*, é fundamental que as mulheres negras assumam o protagonismo de suas narrativas no meio acadêmico, deixando de ser exceções. Para que a UFPEL avance nesse sentido, é preciso que as práticas de comunicação institucional promovam uma representação contínua, em vez de episódica, da mulher negra.

#### 5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

COLLINS, Patricia Hill. **Pensamento feminista negro: o poder da autodefinição.** In: HOLLANDA, Heloisa Buarque. **Pensamento feminista: conceitos fundamentais.** Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2019.

EVARISTO, Conceição. **Gênero e Etnia: uma escre(vivência) de dupla face.** João Pessoa: Ideia/Editora universitária, 2005.

GIL, Antônio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa.** Disponível em: [https://files.cercomp.ufg.br/webup/150/o/Anexo\\_C1\\_como\\_elaborar\\_projeto\\_de\\_pesquisa - antonio\\_carlos\\_gil.pdf](https://files.cercomp.ufg.br/webup/150/o/Anexo_C1_como_elaborar_projeto_de_pesquisa - antonio_carlos_gil.pdf). Acesso em: 03 out. 2024.

GONZALEZ, Lélia. **Racismo e sexismo na cultura brasileira. Anpocs:** Revista Ciências Sociais hoje, 1984. Plataforma Gueto, 2013.

HOOKS, B. **“E eu não sou uma mulher?”: Mulheres negras e feminismo.** Trad. Bhuvi Libanio. 2<sup>a</sup> Ed. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 2020.